

O ANALFABETISMO COMO ARMADILHA PARA A PRODUÇÃO DE ESTIGMAS INDIVIDUAIS E COLETIVOS

Maria Lêda Lóss dos Santos – FAED/UPF – mloss@upf.br
Mariane R. Silveira (bolsista PIBIC/UPF) – IFCH/UPF mm.rs@terra.com.br

RESUMO

Os sujeitos não-letrados são profundamente marcados nesta sociedade que tem na leitura e na escrita seu parâmetro de inserção e desenvolvimento. Evidências dessas "marcas", os estigmas (segundo Goffman, 1978), foram percebidas nas entrevistas semi-estruturadas realizadas com sujeitos analfabetos e com gestores da educação municipal na pesquisa que trata da educação e do desenvolvimento sócio-econômico e cultural e que vem destacando a problemática do analfabetismo e do desenvolvimento humano numa região do Rio Grande do Sul, denominada Microrregião de Estudo, MRE - Botucaraí. A caminhada já efetivada no universo dessa investigação permitiu, a partir da análise das entrevistas, delimitar a categoria que diz respeito ao estigma do ser analfabeto e ao impacto na vida dos sujeitos, tanto em nível individual quanto coletivo, levantando "marcas" (armadilhas?) que os sujeitos analfabetos carregam.

Palavras-chave: Analfabetismo, estigmas, leitura e escrita.

A sociedade letrada vem construindo um paradoxo que acentua as diferenças entre os sujeitos letrados, que dominam os códigos da leitura e da escrita, e que deles fazem uso, e os sujeitos não-letrados, que não são capazes de circular com desenvoltura nesse mundo globalizado e altamente tecnológico, onde a leitura e a escrita são critérios de distinção entre uns e outros.

Tais distinções deixam "marcas", os estigmas. Conforme o mini-dicionário Aurélio (2004), estigma é uma "cicatriz, um sinal". No entanto, estigma ultrapassa o sentido físico, é o que categoriza alguém por ser de alguma maneira diferente dos outros, este é o estigmatizado, o que não atende à identidade social dos chamados "normais". São propriedades "incongruentes com o estereótipo que criamos para um determinado tipo de indivíduo" (GOFFMAN, 1978, p. 13), e que os calcam profundamente assim como seus grupos sociais, suas ações e sua própria vida. Os analfabetos na sociedade letrada carregam esses estigmas, simbolizados pela marca do "dedão", pelas estratégias de ocultamento e pela discriminação. Evidências dessas "marcas" foram percebidas a partir de pesquisas desenvolvidas na Universidade de Passo Fundo (UPF), pela Equipe Alfa.Analfa do Grupo de

Estudos sobre a Universidade – GEU/UPF e no Núcleo de Pesquisa Botucaraí, sediado no Campus da Universidade de Passo Fundo, em Soledade, Rio Grande do Sul.

Neste último, o projeto “Educação e Desenvolvimento Sócio-Econômico-Cultural na Região da Serra do Botucaraí: um Estudo a partir dos Índices de Analfabetismo e Desenvolvimento Humano.”¹ vem destacando a problemática do analfabetismo e do desenvolvimento humano nessa região, referenciada neste núcleo de pesquisa como Microrregião de Estudo, MRE – Botucaraí. Este estudo tem como *locus* 17 municípios, emancipados a partir do município de Soledade-RS e vem investigando as relações entre analfabetismo e desenvolvimento a partir da análise dos dados do Censo IBGE – 2000 e do PNUD, bem como através do resgate histórico, da análise geográfica e da pesquisa de campo envolvendo os sujeitos analfabetos e os gestores educacionais. A pesquisa respalda-se numa metodologia qualitativa para a análise e interpretação dos dados coletados, mediante entrevistas, pesquisa bibliográfica de campo e análise quantitativa dos dados.

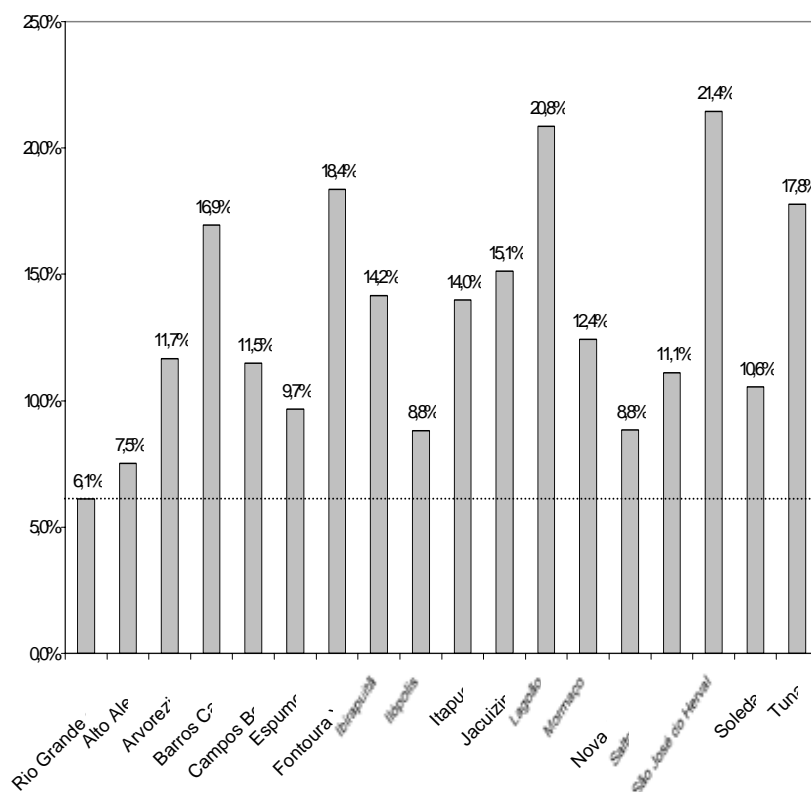
A delimitação do *locus* da pesquisa que vem sendo desenvolvida levou em consideração o cruzamento de dois critérios. O primeiro refere-se aos municípios que estão incluídos num estudo maior, que analisou, com base no Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Censo IBGE – 2000, a situação do analfabetismo em 121 municípios da região Centro-norte do Rio Grande do Sul². O segundo critério justifica-se a partir da história do município de Soledade que deu origem a outros, delimitados em 17 municípios, denominados, nesta pesquisa, de Microrregião de Estudo Botucaraí – MRE Botucaraí. A contextualização histórica da MRE aponta Soledade como município-mãe dos demais.

A MRE - Botucaraí caracteriza-se por um panorama de desigualdades dentro do estado do Rio Grande do Sul, pois apresenta altos índices de analfabetismo e desescolarização para os padrões deste estado. (Ver gráfico 01)

¹ Para o período de março de 2007 a fevereiro de 2008, este projeto de pesquisa possui apoio financeiro do CREFAL (Centro de Cooperación Regional para la Educación de Adultos en América Latina y el Caribe) através do “Programa CREFAL de Apoyo a la Investigación em EDJA”.

² Este estudo está registrado na obra SANTOS, Maria Lêda Lóss dos; DAMIANI, Fernanda Eloisa (Coord.) *Onde eles estão?: Desvelando o analfabetismo no Brasil*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005.

GRÁFICO 1: Índices de Analfabetismo na MRE - Botucaraí



Fonte: Censo IBGE 2000.

Como se percebe, todos os municípios da MRE apresentam índices de analfabetismo superiores a média do estado do Rio Grande do Sul.

Além disso, o IDH³ (Índice de Desenvolvimento Humano segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano para o Brasil - PNUD 2003) da maioria desses municípios estão situados no patamar inferior para os padrões desse mesmo estado (que tem a maior parte de suas unidades municipais incluídas na categoria de alto IDH, ou seja, acima de 0,800). O IDH dos municípios da região evidencia que os municípios com mais altos índices de analfabetismo são também os com menores Índices de Desenvolvimento Humano, como é o caso de Lagoão (IDH = 0,674 e Índice de analfabetismo de 20,8%) e Barros Cassal (IDH = 0,695 e Índice de analfabetismo de 16,9%). Também, a MRE apresenta discrepâncias socio-econômico-culturais. Neste sentido, escancara-se a problemática da desigualdade em relação à educação e ao desenvolvimento. Ainda, de acordo com o Atlas, (PNUD 2003), na MRE Botucaraí

³ O IDH foi criado no início da década de 1990 para o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

os municípios citados (Lagoão e Barros Cassal) situam-se entre os cinco com menor índice de desenvolvimento humano do estado do Rio Grande do Sul, que possui IDH de 0,814 (alto IDH). Esses dois municípios ocupam, no estado do RS, respectivamente a 465^o e 464^o posição, de um total de 467 municípios.

A caminhada parcial já efetivada no universo da pesquisa permitiu, a partir da análise dos dados e especialmente a análise do conteúdo das entrevistas⁴, delimitar a categoria que diz respeito ao estigma do ser analfabeto.

Para falar sobre analfabeto e sobre analfabetismo e, conseqüentemente sobre seu antagônico, alfabetização, é necessário elucidar seus significados. Em recente relatório, a Unesco historia sobre a evolução dos conceitos de alfabetização dentro da própria instituição, afirmando que na segunda metade do século XXI ser alfabetizado evoluiu em diversos patamares, mas que, em todos os momentos, é “ponto comum a todos esses entendimentos e que a alfabetização compreende as habilidades de leitura e escrita” (Unesco, 2006, p. 17).

Do ponto de vista das estatísticas que respaldam o presente estudo, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), alfabetizado é “aquele que sabe ler e escrever um bilhete simples”. No entanto,

Perspectivas recentes envolveram também as formas de uso e prática da alfabetização em contextos sociais e culturais diferentes. Muitos educadores vêem-na hoje como um processo ativo de aprendizagem que envolve consciência social e reflexão crítica, o que pode conferir autonomia a indivíduos e grupos para a promoção de mudanças sociais (Unesco, 2006, p. 17).

As discussões atuais em torno dos conceitos de analfabetismo, de alfabetismo, de letramento e de alfabetização⁵ dão conta que a aferição de dados segundo a avaliação do IBGE não contempla a dimensão do que seja alfabetização, alfabetizado e analfabeto. Neste sentido, Santos e Damiani afirmam:

“Considerando-se que existem graus de alfabetismo e níveis de letramento, e que na educação brasileira poucos atingem os graus mais elevados, considera-se que os índices apontados pelo IBGE não conseguem expor toda a dimensão do analfabetismo, especialmente se entender alfabetização como um processo que extrapola a simples decodificação do sistema de leitura e escrita em língua materna (2005, p. 95).

⁴ Foram realizadas, até o momento, entrevistas com 16 sujeitos analfabetos, com 09 Gestores educacionais de 09 municípios da MRE.

⁵ Ver mais em SANTOS, Maria Lêda Lóss dos; DAMIANI, Fernanda Eloisa (Coord.) *Onde eles estão?: desvelando o analfabetismo no Brasil*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005.

Nesse sentido, a MRE Botucaraí, situada num estado onde o índice de analfabetismo é de 6,1% apresenta realmente discrepâncias a partir da análise do Censo IBGE 2000.

Apesar disso, é fundamental a discussão, nesse início do século XXI, quando não é admissível que sujeitos que vivem e circulam nos mesmos espaços sociais detenham (des)níveis tão desiguais de entendimento do mundo e do seu próprio entorno e, como afirma o Relatório da Unesco, “A alfabetização é crucial para a aquisição, por todas as crianças, jovens e adultos, de habilidades essenciais para a vida que os tornam capazes de lidar com desafios” (2006, p. 19).

Por outro lado, além do conhecimento, a alfabetização carrega uma dimensão humana e social. Segundo Santos (2003) sentir-se analfabeto, sentir-se detentor de um saber menor, dentro da sociedade letrada constitui uma violência simbólica⁶ que agride e cerceia o sujeito limitando seu próprio exercício de cidadania plena. Nas entrevistas realizadas com os sujeitos analfabetos pôde-se perceber que eles realmente sentiam a necessidade de se alfabetizar a fim de terem uma vida melhor e mais confortável, uma vez que poderiam ter empregos melhores e poderiam dar a seus filhos mais segurança. Conforme pode ser observado nas entrevistas:

- Porque eu acho que trabalhar de doméstica eu já ando cansada! Eu queria um... se eu tivesse estudo... eu podia sê alguma outra pessoa né... e como não tive estudo nenhum, tem que trabalhar assim mesmo, né...

[...]

- Eu posso tá fazendo uma coisa sem eu sabê, né... se eu soubesse eu pegava o papel e ia lê.

- E aí por a senhora não saber lê isso lhe trouxe muitos, muitos impedimentos...

- É, muito... sofrimento, porque a gente sofre, né... a pessoa que não sabe lê e escrevê sofre... (Entrevista com sujeito analfabeto 2006)

Segundo Goffman, o termo “estigma” foi criado pelos gregos “para se referir aos sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem apresentava”. (1978, p.11) Porém, a marca mais significativa é a marca moral que encua nos sujeitos a sua impossibilidade, a sua incapacidade e a sua diminuição frente aos demais.

Percebe-se também o estigma de ser analfabeto ao revelarem-se “culpados” por sua própria condição, já que a sociedade tende a considerar o analfabeto como incapaz e quem frequenta escola é a criança. O fato de aprenderem a escrever os próprios nomes e deixarem de depender da marca do “dedão” (o símbolo do estigma segundo Goffman - 1978) nos documentos e de outras pessoas ao realizarem as mais diversas atividades, já é uma grande vitória para esses adultos e um motivo a mais para elevarem seu valor. As entrevistas assim o revelam:

⁶ “Bourdieu e Passeron (apud SANTOS, 2003 p.77) afirmam que todo o poder que impõe significações de forma explícita ou dissimulada constitui violência simbólica”.

Hã, me diz uma coisa, em algum momento da sua vida a senhora sentiu vontade de ser alfabetizada, de saber ler e escrever?
Ah, até que eu gostaria né, quando era mais nova, agora já to me achando meia... (Entrevista com sujeito analfabeto 2006).

O analfabeto é um sujeito marcado profundamente pela discriminação, pela auto-exclusão e pela falta de autonomia, o que poder ser visto nas entrevistas:

- *Então o fato de a senhora não saber, lhe traz muita dificuldades... [...] Como? Em que sentido?*
- *Assim, ó... as veiz eu ganho um paper, uma coisa assim, eu quero lê, eu tenho que ta esperando pra eles lê.*
[...]
- *É, o meu marido... mas ele também não enxerga direito, tem que botar o óculos, tem que ta esperando... ou senão os meus neto vim aí ou a minha filha. E daí eu penso assim: mas eu depender dos otros uma coisa que eu podia. (Entrevista com sujeito analfabeto 2006)*

Mas o estigma de analfabeto não atinge apenas os adultos que por algum motivo não freqüentaram a escola, os municípios com maiores índices de analfabetismo também sofrem. São municípios em que o desenvolvimento não chega e os jovens moradores vão abandonando-o em busca de um futuro melhor, deixando a cidade com uma população mais velha e, analfabeta. As pessoas têm até certa vergonha, conforme um dos entrevistados, em dizer que moram em uma determinada cidade, pois os outros os acham “menos inteligentes” e, conseqüentemente, “incapazes” para exercer determinadas tarefas ou cargos.

Perguntado, em entrevista, sobre as questões enfrentadas pelo município em decorrência dos índices de analfabetismo, um gestor municipal de educação responde:

- *[o município em questão] ele teve um início, dá pra se dizer assim, que o município se emancipou e, e, e custou muito a chegar o desenvolvimento [...], tanto o desenvolvimento com, com relação á, ao desenvolvimento da cidade né... E, e realmente numa certa época e, e hoje ainda existe, mas que graças a Deus ta sendo modificada que quando se falava que era do [município] parece que tu era menos inteligente. . . E realmente isso não... isso não, não procede porque todos os municípios se encontra pessoas inteligentes, como não...né, então não é morar numa cidade pobre... (Entrevista com gestor municipal, 2006).*

Também na questão pessoal isso se revela, conforme o mesmo entrevistado nos relata:

[...] eu era preparador [...] de uma equipe de futsal que disputa uma modalidade estadual de futebol de salão e na época [...] ele tinha jogado cindo partidas e ganhado as cinco e várias pessoas após o término dos jogos, dirigentes de outras equipes iam me perguntar que tipo de trabalho que eu fazia com aquela equipe, que eles realmente tavam assim, como se fala no futebol: na ponta dos cascos! Que eles tavam desempenhando a capacidade técnica ali e, na verdade, mais do meu trabalho, a capacidade física que se salientavam das outras equipes aí eu conversava com eles sobre o trabalho, o tipo de trabalho que fazia e parece que quando eu dizia [que era de tal município] aquilo se tornava menos interessante. E na verdade eles tavam avaliando o meu trabalho e não a cidade onde eu morava, então realmente eu tive uma experiência negativa. Assim como na época da faculdade também quando falava que era [de tal município] parece que tu se tornava uma pessoa menos interessante. (Entrevista com gestor municipal, 2006).

E é exatamente nesse ponto que notamos mais forte o estigma do analfabetismo. Os gestores municipais (e os próprios analfabetos) usam “estratégias de ocultamento”, “encobrimento” como denomina Goffman (1978), ou “estratégias de camuflagem” segundo Kleiman (2000), esquivando-se quando lhes são apresentados os índices de seu município e tentando, numa atitude ufanista, demonstrar que esse problema não está presente em sua comunidade, pois são “tomadas” medidas, que às vezes nunca nem saíram do papel na realidade. Essa questão pode ainda ser observada nas bibliografias histórico-geográficas dos municípios, as quais foram adquiridas a título de estudo: nenhuma apresenta seu nível de analfabetismo, muito menos de pobreza, que seria a consequência da falta de estudo. Todos mostram apenas o lado bom e “turístico”, que muitas vezes nem é tão atraente, quanto se mostrassem as reais atitudes para o crescimento (se elas existissem).

Viver numa comunidade onde o analfabetismo é muito presente é trazer para si próprio uma carga de culpa, além de atrair para si a marca da indiferença. Tanto os sujeitos como as comunidades convivem com um universo de portas fechadas, de impossibilidade que se retroalimentam, criando um círculo de estigmatização. Assim, o analfabetismo se transforma numa armadilha, uma armadilha feita pela sociedade e alimentada pelos próprios sujeitos que não conseguem se desenredar desse processo. A sociedade letrada, globalizada e tecnológica aperta esse cerco e intensifica essas armadilhas, transformando quem não sabe ler e escrever em reféns. Em vista disso, a MRE Botucaraí é uma região marcada em decorrência dos índices de analfabetismo e desenvolvimento socioeconômico lento. As possibilidades de crescimento econômico se restringem a uma parcela da população, ficando os analfabetos e os analfabetos funcionais, enfim as pessoas que não fazem uso pleno da leitura e da escrita, num certo círculo de marginalidade. Nesse sentido, defendemos uma evolução educacional, atrelada ao desenvolvimento econômico-social nas quais políticas públicas inteligentes, concretas e arrojadas seriam o caminho para eliminar a armadilha do analfabetismo

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio: O dicionário de Língua Portuguesa*. 6. ed. Curitiba: Posigraf, 2004.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

KLEIMAN, Ângela B.; SIGNORINI, Inês. *O ensino e a formação do professor: alfabetização de jovens e adultos*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PNUD, PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. *Atlas do desenvolvimento humano no Brasil*. 2003 (baseado nos dados do IBGE de 2000).

SANTOS, Maria Lêda Lóss dos; DAMIANI, Fernanda Eloisa (Coord.) *Onde eles estão?: Desvelando o analfabetismo no Brasil*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005.

_____. *Educação de jovens e adultos: marcas da violência na produção poética*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2003.